

13747

GAZETA LITTERARIA
DO PORTO

PERIODICO SEMANAL

REDACTOR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.



PORTO
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA DE A. DE MORAES & PINTO,
rua de Almada n.º 171.

GAZETA DE PORTO

DO PORTO

PERIÓDICO SEMANAL

CALLE DO CASTELO, 10

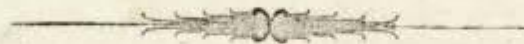
4
BIBLIOTECA / MUSEU
"REPÚBLICA E RESISTÊNCIA"

GAZETA LITTERARIA DO PORTO

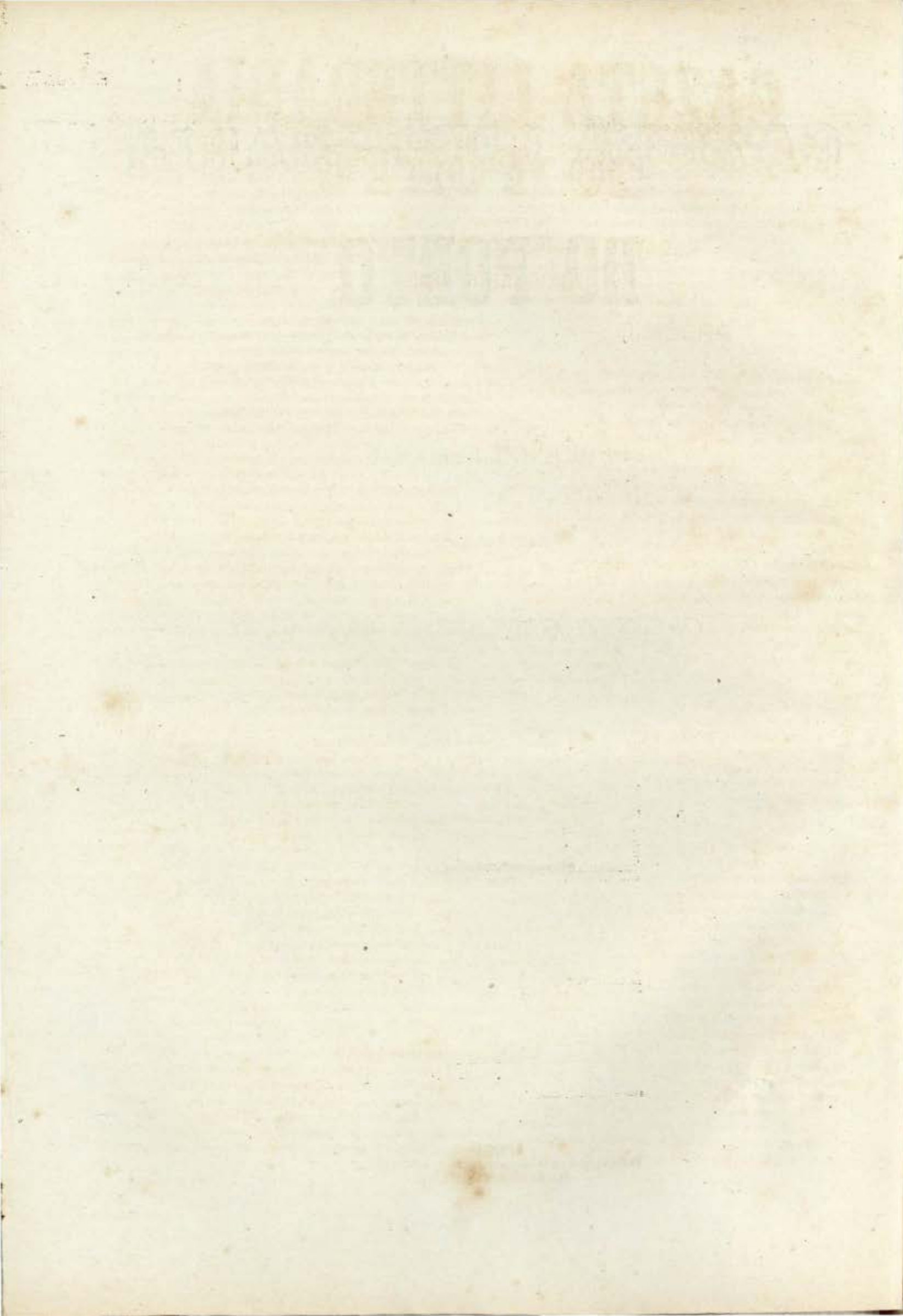
PERIODICO SEMANAL

REDACTOR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.



PORTO
TIPOGRAPHIA DA LIVRARIA DE A. DE NOROES & CUNTA,
rua do Almada n.º 171.



GAZETA LITTERARIA DO PORTO

REDACTOR—CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

4.º ANNO

JANEIRO 6—1868

NUMERO 4

PROEMIO

Se boa vontade e esforços vingassem naturalisar nesta illustrada terra um periodico litterario, seria isso, quando não util, pelo menos airoso e até louvavel.

Deve ser coisa reparada, la onde se moteja a penuria da instrucção no Porto, que tantos escriptores abalisados nas lides politicas e palestras litterarias dos «cafés» não bastem a defender os seus concidadãos accusados de inimigos das boas lettras!

E' injustissima e quase injuriosa a accusação. Quem estas linhas escreve falsearia sua consciencia, consentindo na immerecida nota com que irreflectidamente se desdoura uma terra em que eu não somente contribui para despertar em espiritos ja cultivados o gosto da leitura de livros, embora frivolos, senão que dei alento a editores que, fiados e seguros no consumo das obras, se arrojassem a dispendiosas emprezas.

Argumentar contra o gosto litterario do Porto fundando a queixa em que não passam de quinhentos os compradores do livro recreativo, é auctorisar-nos a perguntar se Lisboa os terá. E, se alguém pasmar da confrontação, ser-me-ha facil, com o exemplo de minhas obras propriamente, testificar que mais de metade das edições publicadas em Lisboa são aqui vendidas.

Ainda pelo que respeita a livros de sciencia, dado que o consumo seja menor, é elle superior ao que deve suppor-se n'uma terra em que faltam congressos e estabelecimentos litterarios sob nomes pomposos e indicativos de grande faina intellectual. Parece pois que ha muito quem leia e pouquissimo quem alardeie. A sciencia vive aqui mais vida de gabinete que de praça. Muitos dos homens que mais lêem e intendem são conhecidos unicamente pela sua importancia commercial; e ha d'elles que vos podem maravilhar com a riqueza de suas bibliothecas manuseadas, e não ja de mera ostentação.

Donde procede por tanto a incoherente incompatibilidade dos periodicos litterarios com o Porto? De muitas causas. Algumas se hão de esquivar ao desagrado dos mesmos que as deram: seria despropósito vir eu aqui menoscabar a vida infesada e ruim que viveram ephemeramente alguns «semanarios» já mortos e esquecidos. Chamaram-se «litterarios». Não podia salvar-os o desvanecimento do descabido epitheto; que nem tudo que se concerta de lettras é litterario. Iniquidade grande é querer que o Porto, por amor e gloria de seus foros de instruido, aviventasse publicações de tal porte que lhe redundava em maior lustre e proveito deixal-as acabar. E' melhor estar ás escuras que n'um quarto allumiado por saiz: quer-me parecer isto.

Além de que, os meus collegas n'este genero de publicações intenderam quase sempre que a alma d'um periodico litterario era a crytica abastardada em satyra, e a satyra desbragada em insolencia. Na escólha de victimas, recen-

ceavam as mais mansas e pacientes: os litteratos novéis e os litteratos caducos. Uns frechavam-os por ignorantes; os outros por derrancados de sciencia velha.

Ora, despresada a maledicencia como esteril, que importa ao leitor do periodico saber quantos gallicismos escreveu nos meus livros, quantas offensas á grammatica fez o meu visinho? Quem lê no intento de esparecer de graves occupações ou aprender alguma coisa util decerto me não atura a pedagogica philautia com que eu venho delatar aos contemporaneos e á posteridade que um tal poeta ou novelheiro mancou uma estrophe ou fez um personagem aleijado. Esse leitor sisudo, que ja leu periodicos francezes, admira-se de que não possamos em linguagem portugueza entretêl-o com publicações analogas. Será mingua de instrucção variada em quem redige? Será tendencia de apoucar o que é já de si pequeno, impurrando-se uns a outros, para fora do pantheon, sujeitos a quem a eternidade do nome ainda se afigura duvidosa? Será insufficiencia para tamanho officio como é deleitar ensinando? Seja o que for: em quanto o chorar sobre periodicos extinctos não tiver gratificação no orçamento do estado, eu não sei que sinceramente alguém possa carpir o trespassse dos periodicos litterarios que viram, no Porto, a luz, sem que a luz os visse, no decurso destes ultimos douse annos.

Em mais antigo tempo, nasceram e medraram nesta boa terra — boa para todos os trabalhadores proveitosos — algumas publicações periodicas de elevado quilate e beemeritas de coadjuvação. Nomeiam-se com honra para os seus redactores, muitos dos quaes ainda primam na phalange da geração que não foi por emquanto substituida: primeiro a REVISTA LITTERARIA, e depois a PENINSULA. E d'ahi? Acabaram. Pois por que não? Os viçosos engenhos que derramaram seiva e aromas por essas paginas, tão depressa lhes soou a hora de fructearem, levaram mão d'esse lavor util para os outros, e cuidaram seriamente de suas pessoas, com um esmérro que devêra chamar-se «egoismo», se esta palavra, que sôa mal em ouvidos portuguezes, não estivesse tão germanada com a essencia homana, que é tudo uma e mesma palavra. De mais disso, querer afidalgar de profissão independente de outra o viver das amenidades d'um semanario de lettras é subtilisar a compleição organica do escriptor á extreinada economia da abelha que fabrica os favos de succos tão despreziados que para fruil-os ainda não ha lei de concurso, que eu saiba.

Por que não teve nono volume a 1.ª serie do PANORAMA, aquelle primoroso e ainda não imitado exemplar de periodico litterario? Foi por que, ao cabo de oito annos, cada collaborador se aleu para outras regiões mais lucrativas, queixando-se acremente de que as lettras em Portugal não grangeam o bastante para subtrahirem o escriptor da dependencia dos cofres da republica. O pequeno coração dos que escrevem está em não se convencerem de que o sacrificio glorioso de alqueivar os maninhos para as cearas dos vindouros é superior, é incomparavel ás delicias de sentir o

chofrar dos lamaças sob as patas sonoras dos urcos, e o deleite do espreitar o ceo cinzento d'um dia de inverno ao travez da vidraça crystalina da carruagem propria.... como se ás fronteiras de alem-mundo se podesse ir de carruagem; como se Camões não passasse de sapatos rotos pelas enxurdosas alurnas onde agora lhe poseram a estatua.... Meditem n'isto os creadores infaustos de periodicos litterarios no Porto, e.... esperem.

Entretanto, nenhuma consideração desalentou os proprietarios da GAZETA LITTERARIA DO PORTO. Parece que elles não miram a negociar de theor e modo que, depois de ricos, somente hajam por bem de conceder ao Porto a regalia de terra amante das lettras. Os meus collaboradores nesta agradável tarefa tambem pendem a crer que este caminho não é o mais direito para a opulencia, e bem sabem quantos marcos miliarios se erguem nelle a demarcar a via da pobreza. Tanto monta. Redactores e proprietarios nos despediremos alegremente do publico, no dia em que a sua attenção se fatigar. De sobejo sabemos que ha ali tanto livro bello e de proveito, tanto deleite e ensinamento ministrado por mais benemeritos sacerdotes, que mais nos será assombro que despeito, se ainda houver quem nos reparta de seu tempo.

Está dito o que não era essencial nem sequer necessario.

C. CASTELLO-BRANCO.

ECHOS DO PORTO

Estimo muito que a quadra do anno em que apparece este periodico me permitta principiar dando as boas festas ao leitor.

Hoje em dia ninguem dá mais do que boas festas. Foram-se os bemitos tempos em que a gente se presenteava por esta occasião com perús e com brôas de pão de ló.

A mim mesmo me pergunto porque findou quasi completamente esta santa generosidade, unica que não custava dinheiro,—porque é de notar que ninguem dava senão os presentes que recebia. Havia perú que vinha quatro e cinco vezes á mão do mesmo individuo, e brôasinha de pão de ló que, depois da festa, era revendida para tornar pelo mesmo individuo que primeiro a comprara, vindo assim ao poder do seu primitivo possuidor depois de ter obzequiado quarenta ou cincoenta familias na rua em que fôra feita.

Está provado pelo calculo de varios confeiteiros que seis duzias de brôas faziam a festa de grande e á larga na cidade do Porto.

Os grandes consumidores d'este genero têm sido sempre os concelhos ruraes. Nas aldeias o abbade e o cirurgião são o sumço de quanto presente lhes botarem.

Esses dois poderosos esteios da industria do pão de ló, de todo quanto recebem apenas dão, quando muito, uma brôa a cada um, e fecham-se com o resto, pondo-se em seguida a pão de ló e leite e pão de ló e vinho até o entrudo, —salvo quando antes d'esse tempo a divina providencia resolve chamal-os a si estoirados pelo regabofê, em cujo caso revertem as brôas sobreviventes em chuchadeira de quem fôr ganir ao morto.

O uso dos presentes na cidade tinha a mais saudavel influencia nos costumes.

A circumstancia de sermos obzequiados constituia-nos agradecidos uns aos outros, de modo que á primeira das duas estavam todos serviaes e boas pessoas.

As estatisticas attestam que augmentou o numero dos crimes em rasão inversa do desalento na circulação do pão de ló e dos perús.

Depois que acabaram os presentes é que o governo mandou crear os corpos de policia para a manutenção da moral.

Triste substituição! Para o effeito vem a ser o mesmo, o que não tira que sempre seja um desappontamento que, onde a moral publica costumava encontrar um casal de capões, lhe appareçam agora quatro homens e um cabo!

Uma coisa que me está a parecer mais difficil ainda do que encontrarmos actualmente o presente de um perú, é acharmos um leitor presente.

A' hora em que escrevemos estas linhas os papeis publicos chamam o povo, que sae da beira da urna eleitoral, para o seio dos comícios, onde se vae discutir em derradeira instancia o imposto do consumo. N'esta conjunctura saem os generos alimenticios ao encontro dos generos litterarios, e o folhetim recua encolhido da sua pequenez e miseria diante da omnipotencia do bife com batatas.

A litteratura acompanha naturalmente a sociedade nas suas ponderosas cogitações acerca da carestia motivada pelo novo imposto. A attitud actual do paiz é a attitud mediatunda sobre o rol das compras. Só uma graça de stylo poderia n'este momento obrigar o povo a empregar os olhos em letra redonda, se houvesse stylista assaz impavido para a empregar sem receio de produzir um solavanco de desengonçar o globo. Esta graça seria a que nos permitisse principiar um artigo pelas seguintes palavras:

«Senhores! fica-vos a carne da pá a meio e cinco.»

Se eu fundasse hoje um periodico, principiaria por oferecer, como brinde aos assignantes da minha folha, dar-lhes a carne pelo preço anterior ao da applicação do novo imposto. Como n'este caso o periodico vinha a ficar de graça á maior parte das familias, as quaes economisariam no preço da minha carne a somma que pagassem pela minha folha, é claro que eu não teria difficuldade alguma em reunir vinte mil nomes na lista dos meus subscriptores. Estes vinte mil assignantes, que todos queriam carne barata, asseguravam-me a venda de quarenta mil arrateis de carne por dia.

Montava então um talho, onde esta freguezia enormissima, mas certa e infallivel, me permittiria realisar em larguissimas compras de gado uma differença de preço, que viria compensar, dando grande lucro ainda, a que eu tinha estabelecido como premio aos assignantes da minha folha.

Por este modo no espaço de pouco tempo teria o meu jornal supplantado, pelo numero dos seus assignantes, todos os jornoes do paiz, e o meu talho seria o unico talho do Porto, no qual eu amontoaria um capital immenso ganhando apenas um real em cada arratel de carne dos meus bois comprados ás manadas. No curso da cinco annos retirava-me á vida privada com seis centos contos de meu.

Por tão refece quantia não estou resolvido a incommodar-me. O que pretendo provar com o que deixo dito é que, se não salvo a patria nas suas afflicções não é porque não tenha cabeça para isso, e que se não possuo ha muito tempo alguns milhões de crusados é simplesmente porque não quero. Aspiro a empunhar um dia um sceptro e a cingir uma corôa e não quero que os subditos que eu, pelos meus muitos mercimentos, fôr chamado a governar, tenham direito a dizer-me pela bôca da imprensa opposicionista do meu reino, que eu trafiquei antes de vestir a purpura. Do folhetim, em que me acho, quero sahir desassombrado e limpo para cima de um throno.

O primeiro passo que projecto dar apenas occupar a minha posição de rei—no que tem havido umas demoras que

principiam a enfastiar-me—será escrever á minha futura parenta a rainha Victoria da Inglaterra, enviando-lhe muito saudar, e convidando-a a intimar os seus subditos residentes no Porto a que, por honra do pavilhão inglez, não tornem aqui a dar bailes como o ultimo que se realisou nos salões da Feitoria.

Assim me Deus ajude como eu hei de mandar dizer á soberana da Grã-Bretanha que, sendo dado o referido baile á cidade do Porto, muitas das mais distinctas senhoras da melhor sociedade portuense deixaram de ter convite pela razão, que a direcção deu, de que não tinha casa para um baile completo.

A rainha Victoria lhes fará então constar por intermedio de um dos seus empregados do castello de Windsor, que quem não tem casa vae para o quintal, e que quem não pode dar um baile dá apenas uma merenda. «Minha muito amada prima, faço eu tenção de lhe dizer, entre o povo portuguez, de que sou oriundo como sabeis, quem não tem casa aluga-a ou manda-a fazer.» Hei-de dizer-lhe ainda que no referido baile foi recusada uma senhora das mais distinctas de Portugal unicamente pela razão de que a não conhecia um dos directores da sociedade britanica, e que um homem da mais perfeita elegancia foi igualmente recusado pelo motivo de ser apenas aspirante em uma repartição publica, onde tiveram convite um ou dois calças de couro, cujos unicos merecimentos sociaes consistiam somente em ter na respectiva repartição um logar superior ao do aspirante referido.

*

Estes sujeitos que são convidados para a sociedade em razão unicamente dos logares superiores que occupam nas suas repartições, bom era que levassem sobre si um distico em que se designasse a occupação que exercem.

Isto lhes pouparia o embaraço, em que alguns d'elles se podem ver, quando uma senhora, julgando-os erradamente pelas apparencias, lhes dirigir a seguinte pergunta:

«Vossa excellencia é cobrador de decimas, porteiro do governo civil, ou matula da alfandega?»

*

No entanto, para governo das pessoas que indevidamente se podem julgar aptas para entrar na feitoria ingleza, era util que a dita sociedade respondesse aos dois quesitos seguintes:

*

PRIMEIRO

Para ser conhecida de certo cidadão britanico quantas vezes precisa de passear em Cima do Muro ou na rua dos Inglezes, uma senhora que recebe na sua casa a primeira sociedade e frequenta os primeiros salões da sua terra?

SEGUNDO

Quantos degraus de uma repartição precisa de subir um mariola para principiar a ser um cavalheiro?

*

Se a associação britanica do Porto não fosse, em vez de um simples particular, uma corporação que representa um paiz onde são legendarias as tradições da elegancia e da galanteria, não lhe faziamos, como n'este caso, a justiça de acreditar que lhe serão agradaveis as severidades da critica: *A tout seigneur tout honneur.*

RAMALHO ORTIGÃO.

Meu amigo.

O grande devastador de ruinas e imperios não apaga no coração do homem a saudade dos dias felizes. Essa vive eterna, até que o corpo resvalle no sorvedouro do nada, a alma solta e livre võe emfim ao mundo indecifavel e misterioso do infinito.

Ai! a memoria, meu amigo, a memoria! Relembrar é o mais amargo dos absinthos para aquelles a quem o mundo despojou da esperanza, dos sonhos, das chimeras e de todos os magicos encantamentos d'um coração virgem, opulento e nobre, aos vinte e dois annos.

Conheceu-me vossê por essa epoca pouco mais ou menos. Eramos ambos moços; arrastava-nos a mesma attracção. Caminhavamos apar na embriaguez dulcissima d'uma aspiração irrealisavel!

E hoje, que resta de tudo isso? De mim o digo: uma pouca de materia pezada e esteril; um coração arido e vazio; uma cabeça gelada pelo nordeste do infortunio.

De vossê, não sei. O que me dizem seus livros, que se succedem uns apoz outros, é que seu espirito remoça todos os dias como reverdecido por uma eterna florecencia, emquanto eu me vejo intanguido e moralmente dissecado.

Nas minhas horas escuras, sendo-me necessario sarjar feridas antigas, escrevi o papel que lhe remetto.

Lêa, publique ou rasgue, conforme lhe parecer melhor. Dê vida... ou anniquile o lavor do cadaver. Sobre tudo, silencio e respeito aos mortos: não lhe rasgue nunca o sudario.

Seu velho amigo

* * *

Gastão Vidal de Negreiros.

Não se chamava *Gastão Vidal de Negreiros* o meu amigo que, ha quinze ou mais annos, vv. exc.^{as}, que já hoje são avós, tambem conheceram com um nome bom para romance d'amores, e uns apellidos heraldicos que não eram aquelles. Foi um dos vinte gentis cavalleiros que passeavam as ruas e festejavam as janellas do Porto, que sem hypérbole chamariam poetas, n'aquelle tempo, a cidade dos anjos.

Donosissima geração de mulheres alumiou o sol de ha vinte annos! Quem diria que o adelgaçamento da raça, no lapso de um quarto de seculo, operaria a transformação da belleza, tirando á flor da veiga o viçor aveludado em troca do pallido esmaecido da flor de sala!..

Não me tomem isto á conta de desdem da formosura que hoje faz e desfaz corações; antes n'o relevem como achaque dos annos, manha antiga de se estar a gente a rever nos olhos d'onde lhe vinha o calor da alma, quando elle tiritava de frio sentada ás portas álgidas da eternidade. E, ás vezes, em que estado a gente vê os taes olhos onde os jardins do paraizo se lhe espelhavam! Aquellas lagrimas a tremeluzir como pérolas no que se converteram!... Excreções nocivas que a mão tremula e averdogada — mão que beijámos com respeitosa ternura — está agora combatendo com a pomada anti-optalmica da viuva Farnier. E, sem impedimento d'este e peores desfiguramentos, a luz extincta dos olhos, que outra hora nos foram estrellas do bom ou máo caminho de nossa vida, queremos ainda que nos alumie na cerrada escuridão da vereda onde nos anoiteceu!

Não pensas tu assim tambem, meu pobre *Gastão*?... Que tristeza não será a tua, ahi, no teu solar da serra, quando n'estes dias de janeiro, ouves as cinco horas da tarde, e já dos têtos da montanha rolam as nevoas volvidas pelo pé da noute; e consideras que d'ahi até ao torvo alvorecer do dia seguinte hasde ouvir, na soledade do teu quarto, bater tantas vezes as lentas horas quão rapidas e não contadas n'outro tempo te fugiam, aqui!.. Ah! é preciso que um homem aconhegue muito do peito a sua mortalha para que o frio d'estas noites lhe não gele o remanescente de sangue que lhe ficou das lagrimas! Se o teu coração estivesse, não ja morto, mas paralytico, o phrezezi da saudade não t'o renasceria em convulsões que lhe seriam redobrados paroxismos?

Parabons porque morreste, *Gastão*! Que virias fa-

zer aqui?! Sabes lá de quantos supplicios te forra essa morte! Nunca te disseram o que hoje são aquellas que foram na tua mocidade as inspiradoras da tua poesia, as divindades do Olympo que se derreteu em neve sobre a tua cabeça, sobre a minha cabeça, e sobre as cabeças alvejantes dos raros que as não trazem pintadas! (O' meu amigo, os nossos coevos são ainda rapazes por obra suja e graça pungente do fluido transmutativo!) Não queiras vêr os nossos contemporaneos, Gastão; mas as nossas contemporaneas, essas então não as queiras vêr de modo nenhum, se ainda te comprazes de repovoar as tuas fantasias com as figurações de Laura, de Margarida, de Ophellia, de Leonor, de Hemma, de Cecilia, de... tres duzias... não eram tres duzias as mulheres que te amaram no anno economico de 1848 a 1849?

Laura!... Os dentes de Laura, que pareciam ter sido feitos para mister mais fidalgo que a trituração de boi e outros irracionaes... os dentes mais dignos de aformosentarem a bocca d'uma sancta rindo-se para Deus... aquelles dentes... cahiram, senão fugiram invergonhados da camaradagem d'um careado ainda posto, mas de esguêlha, no alveolo escorbutoico.

Aqui tens a bocca de Laura, d'onde tu, arguindo leitura dos poetas dilectos de teu avô, dizias que as abelhas do empyreo levavam aromas para a ambrosia dos deuses. Que venham agora lá as abelhas do empyreo sem vidrinho de saes!

Margarida, a Margarida que os meus romances de ha quinze annos verberaram em castigo da sua despotica formosura, tambem hoje me castiga a indiscrição de rapaz. Doe-me vêl-a tão vexada pelo tempo que lhe vestiu as esveltas e flexiveis formas de inundias trementes, de papos e buchos variados no tamanho, de theor e feitio que julgarias romper do centro d'aquelle espheroides uma irradiação de estomagos. Dante não inventou pena tão significativa para mulheres que trouxeram dezenas de corações á pendura dos quebradiços quadrís, e os atiravam a pontapés quando lhe estorvavam a garridice dos saracotes.

Ophellia, a tua filha do coração, que Shakspeare te baptizou, tem dois netos, que lhe chamam torta, porque realmente está vêsga.

.....

Não te digo mais nada, porque sei que vai já muito espremido o fel da esponja.

Leonor, Hemma e Cecilia, essas, sim, estão formosissimas como eram, mais do que eram, porque a saudade andou colhendo para enfeitá-las as mais lindas flores do ceo. Morreram. Eram peregrinamente bellas quando se implumaram de aves do cantar eterno, e desferiram vôo para a região da mocidade sem fim.

Que querias tu, pois, do Porto, meu Gastão?

Não desças da tua montanha. Fita o ouvido ao ramalhar das arvores varejadas pelos bulcões do nordeste. Olha como bracejam e estrebuxam os gigantes que saltam de penhasco em penhasco, e passam por ti com tamanho desdem que apenas te levam o chapéo, ensinando-te a cortezia de te descobrir diante das maravilhas respeitaveis de Deus. Entra-te da consciencia de que és um oução, um bichinho apegado á aresta d'uma folha. Não te ensoberbeças com a vangloria de que foste amado por tres duzias de mulheres no anno economico de 1848 a 1849. Pede á providencia divina que cinja de flores as tuas cans, para que patriarchalmente te corram pacificos e abençoados os derradeiros annos. Ensina os agricultores a tirarem o proveito menosprezado da cultura da betarraba. Defende as filhas dos teus cazeiros da peçonha dos missionarios: não as deixes entrar nos templos d'onde sahem tristes e estupidas como da caverna do Trophonio. Se as não poderes defender, faz-te tam-

bem missionario, e toma dos teus collegas de apostolado o exemplo do martyrio, que não te hade ir mal.

E, se alguma hora vagares ao outro martyrio da recordação, escreve, que eu nunca direi quem é o desgraçado que, sob o pseudonimo de *Gastão Vidal de Negreiros*, tocou o extremo infortunio de escrever romances.

C. CASTELLO-BRANCO.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

PREFACIO

A civilisação, dizem os velhos ou maiores de cincoenta annos, avança progressivamente.

E esta verdade é repetida todos os dias por pensadores de grande fôlego. Onde, porem, se torna mais sensivel o esplendor da onda luminosa é inquestionavelmente nas terras de segunda ordem.

A Lisboa de ha vinte e cinco annos é, com pequena alteração, a mesma azougada e frivola mariposa, sempre esvoaçando em redor do fogo dos prazeres, onde ha já vinte e cinco annos se queimaram aquellas *rozaz* que um altissimo espirito sagrou com seus cantos e saudades.

Na classe media, a mesma descuidosa indifferença pelo dia d'amanha; na alta sociedade, a avidez dos gozos e festins.

O Porto de ha vinte e cinco annos é que já vai mui longe do d'hoje em dia. Nesse tempo, contavam-se tres ou quatro familias nobres vivendo quase relegadas em seus palacetes, ou com diminutas relações fora de seu pequeno mundo.

A burguezia ou commercio era nessa epoca a rainha da formosa cidade, mais suja e lamacenta, menos arreiada de monumentos e cazas brazonadas, mas talvez mais rica, mais poetica aos olhos do poeta e do historiador. Se os elegantes coupés não batiam as calçadas; se os lacaios agaloados não faziam pasmar o povo perguntando a que nobres de recente data, ou milionarios d'alem-mar pertenciam, havia em compensação d'estas grandezas a feição característica do trabalho; aquelle zumbido incansavel da abelha, fabricando riqueza e independencia, com a alegre sombra da proveitavel e justificada canceira. Não se cobiçavam entã o titulos, nem commendas: todos, ricos e pobres, eram iguaes. Emulos uns dos outros, sem contudo serem envejados os mais felizes, todos aproveitavam por que todos reconheciam senão a bondade a efficacia do preceito comminativo: «viverás do suor de teu rosto».

Depois deste preambulo com pertenções somente de dar ao leitor uma idea aproximada do Porto que ainda nós conhecemos, é necessario terminar, declarando que não se folhearam chronicas ineditas de escandalos, nem ha que esprepar aqui factos surprehendentes ou maravilhosos.

Não podem existir memorias de acontecimentos de tal ordem, sem que, a have-las, não fosse a sua publicação ferir melindres que o nosso dever, e as conveniencias sociaes nos mandam acatar.

I

o sonhador

Dourava o primeiro raio de sol d'uma serena manhã de primavera o alto zimborio da Serra do Pilar, um dos mais notaveis monumentos do Porto, que ainda hoje ali está attestando as passadas grandezas fradesças, e ao reflec-

xo da luz do ceu que se prateava e refazia em mil côres no rio Douro, a uma imaginação phantastica, poderia afigurar-se-lhe vêr no fundo d'aquelle leito ondulante, um mundo novo e desconhecido.

No sopé da montanha, sobre um combrosinho escalvado, via-se um manecbo representando ao muito vinte a vinte e dois annos.

A'quella hora, só os enlevos do amor, ou os extasis da poezia, o podiam trazer transviado por tão longe. Devemos por tanto suppor que é poeta ou namorado, se não poderemos já descobrir qual o influxo que obrumbava o espirito do contemplativo moço. A verdade é que seus olhos seguiam com melancolica e extranha fixidez as cristações espumosas que de embate ás ribanceirase aos rochedos marginaes do rio, vinham alli espirar. Se ouvia, nem o compassado trapear de remos de diferentes barquinhos, nem a vozeria das galantes padeiras d'Avintes, já a essa hora abordando na margem fronteira, poderam arrancar-o á fascinação que o prendia.

Seria o ceu da esperança, ou os antros do inferno que estava mirando, por entre os azulados vapores que se condensavam á superficie depois de terem illuminado por um instante a sombra escura do mirante de Santa Clara? Ceu de esperança?

Ail não podia ser. O feliz, não tem d'aquellas madrugadas contemplativas, não conhece d'aquellas horas em que muitas vezes o espirito do desgraçado que adormeceu joven e cheio de vida, acordou velho e extenuado! Se negro e bem negro é o ceu do poeta, negrissimo é o ceu do poeta que ama.

Mas, a que chamamos nós poezia?

A verdadeira poezia, não é senão a dor. Lê-se as magnificas estrophes de Hugo, Lamartine, Musset, Byron, Gilbert, Moreau, e Millevoye. Em cada pagina de seus livros, que bellezas! que relanços dolorosos e excruciantes para as almas pensadoras e entendidas no mysticismo sagrado do coração! Todos os canticos d'estes cysnes, respiram grandeza e magestade; mas, sobre todos, se procurardes bem, achareis mais avantajado no sublime, o grito espontaneo do poeta rasgando as entranhas da sua propria amargura.

Que nos diz Byron, o galante auctor do D. João, no dia em que completava trinta e seis annos!

La feuille de mes jours se flétrit avant l'agè,
L'amour n'a plus pour moi de couronnes de fleurs,
Dès long temps ses plaisirs ne sont plus mon partage,
J'ai gardé ses douleurs.

Dans se cœur qui gemit brûile un feu solitaire,
C'est un volcan qui gronde en mon sein enfermé
Nul flambeau ne s'allume au flambeau funeraire
Dont, je suis consumé.

Adieu, transports jaloux, crainte, espoir, sacrifices
Qui troublez tour à tour et charmez l'univers;
L'amour m'a retiré ses plus pures delices,
Je porte encor des fers. (a)

Que dilacerante gemido! Que angustia, no desfibrar d'aquella mocidade tão opulenta de enganos e feitiços!

Perdoem-me agora os leitores uma curta perigrinação. Não posso resistir ao desejo de apresentar-lhe algum d'esses phantasmas queridos que vem por vezes irradiar em volta de mim como um pharol luminoso, povoando a minha solidão, e dando voz ao silencio.

Ouçamos primeiro Gilbert, lá da mesquinha enchergera de Hotel-Dieu:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
Je apparus un jour, et je meurs;
Je meurs, et sur la tombe ou lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs.

(a) Adoptei a versão franceza, por me parecer tão expressiva como a original. Em Portugal, onde tudo se traduz, que impede a versão dos melhores poemas de Byron?

Aqui ha lagrimas de sangue; ha o soro purissimo d'um coração formado de oiro fino, da essencia mais preciosa de Deus, ferido pelo anathema do genio da desventura.

Passa, infeliz sonhador! Comprehando o desalento, a amargura de tão sublime e lamentoso queixume! Glorifique-te todos aquelles, para quem o sepulcro não pode ser o esquecimento....

E logo depois de ti, caminha o successor de tuas agonias, herdeiro do teu sudario, teu admirador, teu émulo, Hégésippe Moreau, o nobre exilado dos festins da terra; aquelle que pôde soltar dos labios gelados á mingua a divina estrophe:

Pour que son vers dément pardone au genre humain
Que faut il au poete? un baiser et du pain.
Dieu ménagea le vent à ma pauvreté nue.

Aux petits des oiseaux toi qui donnes pâture,
Nourris toutes les faims; à tout dans la nature
Que ton hiver soit doux; et, son règne fini,
Le poète et l'oiseaux chanteront: Sois beni!

Que olhos te lêram sem pranto, rouxinol do paraíso?

Que magnifico poema em tão curtas linhas!

Possam os anjos acompanhar-te com suas lyras melódicas, cantor do soffrimento; que tu, inspirado pela dôr do irmão e esquecido de ti, exclamavas:

Sur ce grabat, chaud de mon agonie,
Pour la pitié je trouve encor des pleurs;
Car un parfum de gloire et de genie
Est répandu dans ce lieu de douleurs:
C'est là qu'il vint, veuf de ces espérances,
Chanter encor; puis, prier et mourir;
Et je répète en comptant mes souffrances,
Pauvre Gilbert, que tu devais souffrir!

Paremos aqui. Desconfio que o leitor dezadora digressões; se não, folgaria eu de evocar sombras também gigantes na nossa litteratura; mais que não fosse, senão para corroborar a minha opinião sobre a poezia baseada no infortunio real e positivo.

(Continua.)

Está o sr. Antonio Feliciano de Castilho opulentando o thesouro da lingua com trasladar da franceza a sempre nova e immorredoura comedia de Molière: *Les femmes savantes*, que o primoroso mestre traduz *As sabichonas*. O traslado não é litteral; mas a substancia, o melhor, o optimo está com superior graça e portugueza elegancia fundido nos versos do sr. Castilho. O phrasear derramado do verso francez, qualquer que fosse a summa habilidade do traductor, distendêra-se em demasias destoantes da nossa indole, se rigorosamente o grande poeta as transferisse.

Sem desmerecerem o nome de bellezas, as superabundancias de Molière orçariam pela redundancia, transportadas com injudiciosa fidelidade. O sr. A. F. de Castilho inventariou as graças do original, realçou-as com ligeiros toques e apertuguesou-as de modo que não fazem lembrar senão que procedem genuinamente da veia copiosa e faceta do numerozo escriptor, tão abalisado nos idiomas peregrinos como no proprio.

Hoje publicamos a 1.^a *Scena* d'AS SABICHONAS. A admiração que devemos ao chiste do dialogo não impede que admiremos a nitidez do rythmo e a feliz escolha das consonancias. Aqui se vê as largas que permite o verso alexandrino, em todos os casos benemerito, e na versão do verso francez quase indispensavel. Já o insigne poeta vingou acreditar-lhe o prestimo, acareando o gosto das modernas musas portuguezas; todavia, algumas correm tão desbocadas e indisciplinadas por ahí fora que os seus versos não tem mais de alexandrinos que parecerem-no pelo tamanho. Não lhes é desculpa a falta de modêlos. A poesia do sr. Castilho deleita, commove e ensina. Sensibilidade, coração e espirito, a um

tempo, repartem entre si o goso que tão somente os grandes poetas lhes podem ministrar.

Não demoremos o prazer d'uma leitura que acenderá o desejo do restante da graciosissima satyra de Molière, tão tafula de galas lusitanas que parece querer naturalizar-se nossa.

C. CASTELLO-BRANCO.

SCENA 1.^a

DO ACTO 1.^o DA COMEDIA

AS SABICHONAS DE MOLIÈRE

—
TRADUÇÃO DE

A. F. DE CASTILHO.

—
LAURA E HENRIQUETA

LAURA

Pois deseja casar!

HENRIQUETA

Dezejo.

LAURA

E' crível, mana!

Oh! Jove! exclamaria aqui uma romana!

HENRIQUETA

Em Roma pelo modo havia só vestaes;

LAURA

E matronas tambem, que emfim entre os mortaes ha de tudo, porem, a que o seu lustre zela, só á força é que abdica os fóros de donzela.

HENRIQUETA

E eu abdicó-os por gosto.

LAURA

O grande Lucio Anneo denominou grilhões os laços do hymeneo; e Cicero, escrevendo a Attico, até dice: mulher querer casar, é prova de doçice.

HENRIQUETA (sorrindo)

Pois dice boa coisa!

LAURA

E' preciso fallar

com mais veneração do illustre consular, do salvador de Roma, e oraculo do Foro....

HENRIQUETA

Visto isso, cometti um grande desaforo em rir do tal senhor?

LAURA

Do tal senhor! *do tal!*

Perdoai-lhe a ignorancia, ó manes do immortal! para vos applicar, agora tres semanas prometto-vos ler só as vossas Tusculanas.

HENRIQUETA

Que lhe preste!

LAURA

Oh se presta!

HENRIQUETA

Eu assim como assim

não nasci para sabia; a mana Laura sim! Cada uma de nós que siga o seu destino: o meu é de casar.

LAURA

Que estranho desatino!

que humilimo pensar! que ignobil abjecção! *quousque tandem, mana! As Musas quantas são?*

HENRIQUETA

Diz que nove, eu sei cá!

LAURA

Nove, precisamente;

e nem meia casou; se a Fabula não mente. E as graças? (bem que amor as trate por irmãs) quem as pintou jamais consortes nem mamãs?! tudo que é gracioso, ethereo, divindade, obriga-se a manter perpetua virgindade.

HENRIQUETA

Será melhor, será; eu gosto do pior.

LAURA

Mas o ente racional aspira ao que é melhor. Não sei que grande engodo atraia ao casamento!

HENRIQUETA

Nem eu; já vem de traz. Foi deixa em testamento! feita, segundo entendo, a quasi todas nós pela nossa mãe Eva. As nossas bisavós casaram; nossas mães casaram; nós portanto, vamos tambem casando.

LAURA

Até me infunde espanto que possa haver mulher tão falta de ideal que antolhe sem horror.....

HENRIQUETA

Sou muito terreal....

que lhe quer? o casar agrada-me, não nego.

LAURA

Agrada-lhe!

HENRIQUETA

E até muito.

LAURA

Agrada-lhe?! Tarrenego!

HENRIQUETA

Elle é tão natural! tão santo!

LAURA

Justos ceos!

HENRIQUETA

Chego até a pasmar de ouvir taes escarceos! Que vem a ser casar? é termos por marido, por socio e protector o ente mais querido, darmos inteiro inteiro o nosso coração a elle, e a cada filho, uma renunciação do nosso egoismo todo em outrem.... E os prazeres de derramar ventura e de cumprir deveres! Se o casamento é isto, ha de infundir-me horror multiplicar o affecto e perpetuar o amor?

LAURA

Sophismas! prosa vã! fallando sem figura, eis o que num consorcio a experiencia augura: Uma lida perenne, estúpida e servil; um marido, ou tyrano, ou servo abjecto e vil; se extremoso—importuno e caustico; se vario—dando-nos que sofrer por methodo contrario; filhos a fazer bulha, um cahos; privação das delicias do ocio e da meditação.

HENRIQUETA

Fazer do mundo um ermo; é o seu projecto, julgo.

LAURA

Não é tal; case embora o desgraçado vulgo: não me opponho. A' plebe outhorga plena dou, já que d'arroubos d'alma o ceo a desherdou; porém nós, a quem Deus mais altas glorias talha, ir-nos sevandijar nos gosos da gentalha!... que vergonha! Alec a mente ás altas regiões, onde nos fazem côrte Homeros e Camões, um Catão, um Lucena, uns genios appolíneos, como um Virgilio, um Phedro, um Seneca e dois Plinios. Entre estes immortaes....

HENRIQUETA (á parte)
Que já morreram....

LAURA

Tem

á farta onde empregar, como eu e nossa mãe,
a sua *vie amandi*; olha, ou tire á sorte
um que mais a namore, e tome-o por consorte.
Que orgulho! Poderá dizer um dia então:
esta obra é filha minha e filha de Platão.
Platão, ou qualquer outro; o nome pouco importa.

HENRIQUETA

Não ha nada melhor: casar com gente morta!

LAURA

A gloria é viva sempre; e a mente feminil
não lhe tem menor jus que a alma varonil.
Não vê a nossa mãe? não vê a nossa tia?
não me vê a mim propria? Accorde da apathia;
não desdiga da raça. A mãe, já conquistou
reputação de sabia; eu conquistando-a estou;
a tia faz por ella, e inda que mais curtinha,
espero ha de alcançal-a. Então, Henriquetinha!
soffre-lhe o coração não pôr o nome seu
entre os das immortaes d'este immortal Lyceu?
A'page! que desdoiro!

HENRIQUETA

Escusa de esfalfar-se;

a mim não me convence. Expuz-lhe sem disfarço
quanto sou ignorante, e folgo até de o ser.
Não me fiz, fez-me Deus, não me hei de desfazer.
A mana, a tia, a mãe, serão de essencia etherea;
eu brutinha pertenco ao mundo da materia.
Casar com um homem vivo, agrada-me, que quer?
Não podendo ser sabia, aspiro a ser mulher.
Citou-me a nossa mãe; sem quebra no respeito,
digo-lhe que imital-a ambas temos a peito:
a mana, em sapiencia; eu cá em me casar.

LAURA

Imite-se o que é bom, jamais o que é desar;
Diga-me cá: se a mãe tivesse a desventura
de claudicar de um pé como essa creatura
chamada a La Valière, e como o grão Tyrteu,
o vate que a Messenia os fumos abateu,
deveríamos nós quebrar uma canella,
e suppor muito airoso o cochiar como ella?
Se Homero olhos não tinha, e tinha um só Camões,
hei de eu invejar-lhe isso, ou o genio das canções?
ergo se a mãe casou, se teve esse descuido,
sigamol-a no mais e nisso não.

HENRIQUETA

E eu cuido

que, se a posso imitar, é nisso e em nada mais.

LAURA

Sentir unicamente instinctos animaes!
Poder voar como aguia, e encher d'assombro os povos,
e preferir á gloria um ninho... palha e ovos!
Cae-me as faces no chão de ouvil-a.

HENRIQUETA

Mas, se a mãe

tivesse recusado o anninhar tambem,
a mana Laura e eu, não tinhamos nascido.
Então bem vê que se eu a casar me decido,
é porque assim talvez poderão vir á luz
dignos da tia Laura alguns sabios de truz.

LAURA

Não tem cura, já vejo.

HENRIQUETA

E não.

LAURA

Póde-se ao menos

saber quem é que Armida em seus jardins amenos
tenciona endousar?

HENRIQUETA

Não percebi: quem é....

o que.... não percebi.

LAURA

Ser necessario até

deslavar-lhe em vulgar os tropos e as figuras!
Não leu Quintiliano, agora anda ás escuras.
Desejava saber o nome do feliz,
que a rebelde ao parnaso optou por seu beliz.

HENRIQUETA

Quer dizer: o meu noivo?

LAURA

Em prosa é isso. Creio....

que não será o Jorge?

HENRIQUETA

Acha que o Jorge é feio?

LAURA

Nem bonito.

HENRIQUETA

Sem graça?

LAURA

Assim assim.

HENRIQUETA

Não tem

meritos pessoas? não é illustre? Bem.
Sendo tudo assim, não sei de que se forge
esse não crer que seja o meu eleito Jorge!

LAURA

Não é mister forjar: cuido que não ha jus
de usurpar o que é de outra.

HENRIQUETA

E' claro como a luz.

LAURA

E como a luz tambem a toda a gente é claro,
que em mim viu Jorge sempre o idolo mais caro.

HENRIQUETA

Mas idolo de bronze. O pobre adorador
conheceu que baldava o incenso, os ais, o ardor;
ou, por fallar mais chão: viu que não era a mana,
quem jamais baixaria a ser com elle humana.
Filosofa sublime, e entregue ao Lucio Anneo,
poz toda a sua gloria em fugir do hymeneo;
e bem alto clamou que tinha por doidice
casar-se uma mulher, como o tal homem disse.
Portanto, ou se prefere: *ergo*.... (lá foi latim)
Jorge não lhe convem, mas convem Jorge a mim.

LAURA

A razão, *mens divina*, a quem devemos culto,
impõe leis ao carnal, prohibe-lhe o tumulto;
mas não tolhe á mulher incensos acceitar,
quando um rendido amor lh'os queima em seu altar.
Soffre-se a adoração, sem se admittir o aggravo
de propor-nos um jugo o nosso proprio eseravo.

HENRIQUETA

Eu nunca prohibi que a tantas perfeições
Jorge rendesse culto. Hoje as adorações
mudaram de deidade: o que Laura regeita
não lh'o usurpa Henriqueta offerece-se-lhe, accita.

LAURA

Num despeito d'amor o que é que se não faz?
Se a deserção de Jorge a ufana, a satisfaz,
porque lh'o trouxe aos pés, talvez que noutro instante
dos seus de novo aos meus revôe esse inconstante.
Não é bom fiar tanto. Aonde o fogo ardeu
sempre um brasido fica. O dito não é meu,
é da rainha Dido.

HENRIQUETA

Ora essa! eu não duvido;

basta a mana dizel-o, escusa citar Dido.
De futuros não sei; sei que me protestou
fedelidade eterna, e que tranquila estou.

LAURA

Se á falta do saber que vem da experiencia,
a mana lê-me mais, teria mais sciencia;
não seria tão crente em juras de quem fez
iguaes votos a outra.

HENRIQUETA

Enganar-me-ha talvez

se não se engana a si. Mas lá vem elle. Estamos
a tempo de o saber por elle proprio.

PALESTRA LITTERARIA

I

Do romance.

Ha muito quem reprehenda a leitura dos romances, por inutil, e quem a condemne, por nociva; fundam-se os que a censuram como desprezível frivolidade em que sendo o romance uma historia imaginaria, tecida d'acontecimentos, que ou não tiveram existencia, ou se existiram foi de modo e com circumstancias muito diversas, nem póde desenvolver-se a razão, nem enriquecer-se a memoria, nem finalmente adornar-se o espirito com aquelles ouros da phantasia, brilhantes, embora, mas de tão pouco valor como as joias falsas, de cujo preço decide a moda. Apoiando-se no mesmo principio, acrescentam mais, que nem sequer ao coração aproveitam os bons exemplos que por ventura se nos deparem alli, pois que havendo a antecipada certeza de que tudo é fabula, serão estereis as commoções, porque, logo após ellas virá a reflexão destruil-as; e que por tudo isto não podem similhantes leituras ter outro prestimo, senão desenjoar os tédios da ociosidade, á custa d'um mais elevado e mais fecundo emprego das facultades do espirito.

Eis como discorrem os menos enraivados inimigos do romance—os que se limitam a desprezal-o, por desvalioso para a instrução e para a moralidade.

Os outros, os que o escommungam e perseguem como corruptor dos bons costumes e fonte copiosa de quedas deploraveis, de grandes infortúnios para a sociedade e para a familia, esses querem encontrar na propria indole do romance a nascente do veneno que vae combalir os corações e empestar as almas; pois que, dizem elles, sendo o amor a paixão fundamental das novellas—não o amor casto, não o suave e quieto sentimento que torna leve e de rosas a cadeia conjugal, não o energico, e dedicado, e sancto affecto do coração das mães, não a doce affeição de irmãos, nem a respeitosa e amavel obediencia dos filhos, mas aquella paixão formidavel, exclusiva e cega, que apoderando-se d'um espirito o allucina e atrai muitas vezes por temerosos precipícios—e que sendo o gozo material a essencia d'aquella frenetica e impetuosa paixão, d'ahi vem a pintura de scenas lascivas, embora veladas com transparente veu, o que mais seduz ainda e mais excita o desejo; de quadro licenciosos com moldura doirada pela imaginação; de luctas violentas e immoraes entre a paixão e o dever, luctas em que as armas da razão são deffezas e substituidas pela artilheria grossa d'um sentimentalismo exaltado.

E de mais, que desejando o romancista fugir do commum, do trivial, para melhor estimular a curiosidade e captivar a attenção dos leitores, procura sempre descrever a paixão nos seus impetos mais arrojados, quando comprimida rebenta, e se precipita despedaçando tudo o que se lhe oppõe. Estas pinturas de sensualidade exquisita, de morbidos

deleites, de torpes victorias e falsos heroísmos, tudo isto, já de si muito insinuante e perigoso, adornado com os atavios da linguagem e do estylo, acende o inflammavel entusiasmo das mulheres, e em geral da gente moça, que é quem ordinarariamente se entrega com mais soffreguidão a taes leituras, e que levados pelo desejo da imitação, forçam transplintar para a realidade aquellas phantasiosas chimeras que lhes entristeceram o juizo. E d'ahi provém tantas loucuras de todo o genero e até crimes.

A' parte alguma exaggeração nas consequencias, seria desacerto acoiimar estas accusações de completamente falsas ou injustas. Devemos lisamente confessar que todas ellas pesam, não sobre o romance, mas sobre muitos livros que por ahí correm com aquelle titulo usurpado.

São de veras tudo aquillo uns taes safapateis litterarios chamados *romance de enredo*. Estimular vivamente a curiosidade por meio de historias phantasticas é o fim a que põem mira, e para o attingir desfeiteam corajosamente o bom senso, contando que seja isso necessario para a urdidura d'uma narração muito alabaryntada de incidentes imprevistos.

Tanto nas scenas, como nas figuras, como em tudo, não ha ahí que procurar naturalidade; as situações são quasi sempre estrambolicas, os caracteres d'uma extravagancia e desigualdade pasmosas, as paixões refinadamente absurdas, finalmente, se a taes livros falta o merito da boa linguagem ou do stylo, (e a quasi todos falta) não vale mais do que aquellas antiquissimas historias do Pedro Muzart e do João Batão, com que as mães e criadeiras entretem as creanças.

E ainda quando taes escriptos não passam d'um desfile de personagens, de scenas disparatadas, tudo engrazado de modo que formem um despropósito de duzentas ou trezentas paginas, não é grande o mal; passim sem deixar o menor vestigio da sua existencia, é o ultrage que fizeram ás boas letras vir em-o as tendas, recortando-os em cartuxos. Mas é que uma parte d'elles procuram na devassidão o estímulo da curiosidade, e expõe abertamente a immoralidade sem disfarces, grosseira, orgulhosa e pestilenta!

Pois não são estes ainda os mais perigosos, por que o fartum que trasealam afugenta os espiritos delicados e sãos, e quem os procurar attrahir pelo cheiro da podridão, é que já leva a alma derrancada. Indizivelmente mais traçoeiros são os que recamam de flores o valto hediondo do vicio, os que sabem encobrir com a delicadeza da phrase a grosseria da ideia, com os primores e elegancia do stylo a deformidade do discurso; esses sim, que reduzem pela belleza exterior; é perfumado o veneno que exalam, e a gente só dá conta de que faz mal aspirar aquella fragancia, quando já sente convulsões e agonias.

Todas estas composições indignas de se appellidarem romances é que são de verdade reprehensiveis e condemnaveis: foi, sem duvida referindo-se a ellas que um dos nossos mais fecundos e aprimorados romancistas disse: «Mal hajam os sacerdotes das letras derrancadas que vendem peçonha em lindos crystaes, e desfloram as almas em luxuriante florescencia da sua primavera. O mau romance tem cafitulado as entranhas d'este paiz. Não ha fibra direita no coração da mulher que beben a morte, e peor que a morte — algumas dezenas de gallicismos no que por ahí se escreve e copia. O anjo da innocencia foge de certos livros como os editores de certos authores. A candura virginal de uma menina de quinze annos é a coisa mais equivooca d'este mundo, se a menina lê cousas em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se, antes que a experiencia a doutrinasse.» (a)

Tudo isto é verdade pura, inclusivé a protervia dos gallicismos; advirta-se porém que o author das palavras allegadas muito claramente especifica o mau romance, pois

que o bom, o legitimo romance nem é indifferente para a instrucção, nem pernicioso para os costumes.

Não occultamos que ainda n'este se dão ás vezes muito deploraveis desvios; mas devemos lembrar-nos que succede outro tanto com toda casta de livros. Pois não ha muitos que em nome da razão propalam um materialismo insensato, negam a immortalidade do espirito, e até a existencia de Deus? E havemos por isso condemnar o estudo da philosophia? Não decerto, que é uma sciencia nobre e utilissima; e leva o homem pelo conhecimento que lhe dá da dignidade da sua origem e grandeza do seu destino; melhora, aperfeçoa, civilisa a humanidade purificando-lhe as crenças e instruindo-a como por ella se devem conformar as acções humanas. Seria bem grande e bem fatal demencia fazer secar este manancial copioso, só porque malevolos empeçonharam algumas das muitas fontes por que elle se derrama: o que a boa razão aconselha é que avisemos os incautos e os temerarios, para que não vão alli matar a sede do saber.

O que dissemos ácerca da philosophia tem applicação a todas as demais sciencias, á historia, á economia, á phisica, finalmente porque em todos os maus livros introduzem erros de consequencias tanto mais funestas, quanto maiores forem os beneficios que da verdadeira sciencia promanam.

E' ainda isto mesmo o que se dá com a litteratura em geral; muitas das suas obras são corruptoras, dissolventes, pessimas; mas ella de si é muito prestadia e civilisadora pela grande e benefica influencia que exercita na formação dos costumes.

Pelo que toca particularmente ao romance, a mais popular de todas as formas litterarias, tentaremos n'outro artigo demonstrar que longe de ser um elemento corrosivo nas sociedades modernas, como muitos pensam e dizem, é, ao contrario, um dos agentes mais energicos do progresso moral.

DELFIN D'ALMEIDA.

REVISTA DE BRAGA

I.º de Janeiro

Esta terra é pouco azada para dar assumpto a uma revista quinzenal, e eu mal talhado para o mister de revisteiro. Já fiz a experiencia *in anima villi* da minha inaptidão para este cargo, mandando para um jornal politico, que para honra e gloria da sandice ainda existe, uma carta-folhetim cujo feitiço me custou muito trabalho e muitas vigílias. Ao cabo saiu-me uma coisa inominada, trivial como um programma e indigesta como chocarrice de almanack jocoso.

Á vista d'esta desgraçada estreia resolvi, ao revez do commum dos escrevedores, mudar de rumo. Mas, como já estava de cima que eu produzisse mais um documento de minha negação para as letras, adveio uma circumstancia imprevista, que me demoveu d'esta determinação. Vem aqui a molde contar ao leitor uma pequena historia.

Quando eu era menos apegado ao lar e menos devoto dos penates, estive n'uma villeta onde conheci uma menina notavel pelo seu espirito e entendimento alumiado.

Como lhe não fallecessem os bens da fortuna foi requestada pelos primogenitos das cazas mais gradas da terra; mas esta Penelope sem Ulysses, receiando desacerto, por muito tempo vacillou na escolha. Porém.

..... *Toute âme est sœur d'une âme:
Dieu les créa por couplet et les fit homme et femme.*

N'um bello dia deixou-se asir dos laços amorosos, que lhe armou um guapo moço, que demorava á cerca. Era elle obtuso como um pedernal, fallador como um advogado, ri-

diculo como um *incroyable* do Directorio. Mas em compensação d'estes pequenos defeitos calçava luvas cor de cana, frisava a miudo a ondata cabelladûra, tinha um cavallo alfario, em que se escarranchava com alguma graça, trajava ao rigor da moda e cheirava á manteiguilha que trezandava. Era em fim de contas um *janota* por d'entro e por fora, de popa á proa.

Para um conquistador adornado com estas prendas não ha coração invulneravel ainda que armado de ponto em branco pelas mais acrisoladas virtudes.

Derivaram mezes e dias sem que estes innocentes galanteios dessem em que fallar; com tudo, como o demo nunca desaproveita maré de espiritar nas creaturas improvidas maus pensamentos, lembrou-se a tal menina de fazer do seu amante um poeta. Era querer metamorphosear em Hypocrene uma sentina. O amor porem hade ser sempre o vencedor dos vencedores e Cupido o rei dos deuses. O maganão fez-se poeta. Mas que poeta! Os seus versos que nem n'um sarau poetico de Coimbra teriam acceitação, eram capazes de indignar o paciente animal de Sancho. E que monstruosa fecundidade! Nunca mais houve n'aquella terra festa ou anniversario, que não fosse profanado pelos guinchos da tal arpia.

Pergunto agora. Sobre quem deve cair a responsabilidade d'aquella calamidade publica? Eu tenho para mim, que se não fossem as travessuras do amor, o meu heroe nunca ultrapassaria as extremas de uma tolice inoffensiva.

Muito acertadamente disse Pelletan que em todos os grandes acontecimentos ha uma mulher.

Está acabado o apologo. Falta só destrinçar d'elle a conceituosa moral. Eu estou no caso do referido poetastro. Coma differença, que elle foi obrigado a fazer versos por uma fada, eu a fazer revistas por um genio.

Passemos ás novidades.

Quanto a litteratura, se não estamos em anno de fome, tambem não vivemos em anno de abundancia. Sei que se está publicando n'uma folha de Lisboa um romance original d'um escriptor d'esta terra.

Já ouvi fazer más ausencias d'este escripto: eu porem, que, não por immodestia, mas por conveniencia propria, não me levo de juizos alheios, só depois da leitura d'elle exhibirei o meu parecer que, se não fôr bom, hade ser sincero de vez. *Amicus Plato; sed mûgis etc.*

Está tambem no prelo e prestes a vêr a luz publica o *Almanack familiar para Portugal e Brazil*. Orça por oitenta o numero dos collaboradores d'este livro. Os nomes de alguns d'estes só per si bastam para lhe dar cabida nos gabinetes dos homens de letras e nas bibliothecas dos mais escrupulosos colleccionadores. Aos analphabetos assaz o recommenda o titulo. Dizem-me que é illustrado, como é moda dizer-se, com algumas gravuras e dois retratos—o de Camões e o de Gonçalves Dias. Já tive occasião de ler as primeiras paginas d'esta publicação: e, se por ellas se pode fazer digna estimação da obra, fio-a como a melhor n'este genero. Braga deve ser reconhecida aos emprehendedores d'esta tarefa, pois que d'ella lhe vem não pequena gloria.

Entrou ha dias nas cadeias d'esta cidade uma mulher por haver posto em almoeda a virtude angelica d'uma filha de nove annos.

Não vejo n'isto singularidade que maravilhe. Já nenhuma torpeza nos deve arrancar um sincero *oh!* de admiração. Bem diz o nosso Rodrigues que *o mundo está podre!* E que hedionda e afistulada podridão o come!

Ainda agora me vi com aquelle venerando velho. Que louco amor elle tem aos livros! Estremece-os com entranhas de pai. Chora-lhes o abandono e o desprezo como se em cada um d'elles estivesse uma molecula do seu bom coração.

Quando me tocar a vez de deputado hei de lér no templo das nossas liberdades patrias o seguinte projecto:

Proponho que a bibliotheca de Braga seja vendida ao fizeador de frigideiras, em que concorrerem melhores habilitações.

§ 1.º Os livros serão empregados como combustivel para afoguear o forno.

§ 2.º Para escarmento de futuros bibliophilos com o ultimo feixe de livros será enforçado o bibliothecario.

Fica revogada toda a legislação em contrario.

Para que servem os livros?

Que se hade fazer d'um homem de talento, de probidade e pobre?

• • •

PRECEPTOR INFELIX.

Assim foi chamado o lente da Universidade, doutor Antonio Homem, que a inquisição matou em 1624. Da sentença, que tenho manuscrita e foi publicada nos n.ºs 3 e 4 do *Antiquario Conimbricense*, não se colhe a idade e a filiação do «professor infeliz;» mas as notas que marginam a sentença do meu Ms dizem que Antonio Homem, quando foi assassinado, teria sessenta annos, e era alto e bem disposto.

Foi filho de Jorge Vaz Brandão, christão novo, e de sua mulher que era filha bastarda de Gonçalo Homem. Este Gonçalo Homem foi filho de Gil Homem, d'Aveiro, e de sua primeira mulher Brites Nunes, filha de Gonçalo Nunes Cardoso, chamado «o rico d'Aveiro», todos pessoas nobilissimas.

Antonio Homem Brandão (e não *Leitão* como equivocadamente diz Francisco Freire de Mello na sua Representação ás cortes impressa em 1821 contra a Inquisição). Doutorou-se em canones, foi lente da prima na universidade e conego doutoral da Sé de Coimbra. Accusado de presidir ás ceremonias dos jejuns dos judeus em sua propria casa e de crimes d'outra ordem offensivos da dignidade humana, insistiu contumazmente na negativa, e foi por tanto queimado.

Ordenou, além d'isto, a inquisição que as casas de Antonio Homem se arrasassem e semeassem de sal, e nunca

mais se reedificassem. E sobre as ruinas complanadas do edificio mandou levantar um padrão alto com letreiro que declarasse o horrendissimo caso!

Assim se fez.

O meu manuscrito foi datado em 1720.

N'este tempo existia uma Praça ao pé das Olarias.

As casas do doutor Antonio Homem tinham enchido toda a área da Praça. Não sei se ainda existe o local desocupado.

Ergueu-se o padrão commemorativo, architectado com duas pedras quadrilongas sobre-postas.

A pedra cimeira cahiu em 1705 d'uma maneira tragica e azada para commentarios supersticiosos. E não se fizeram poucos. Passou assim:

Em maio d'aquelle anno, festejando os conimbricenses a reeleição do Geral de Santa Cruz, transitavam pelas Olarias uns masearados traneando. Um d'elles, beirão, estudante de medicina e christão novo, apartando-se dos outros, foi abraçar-se á columna. Eis que a pedra de cima ruc sobre elle e o mata, sem lhe dar tempo a proferir palavra.

Não sei se a pedra foi reposta, nem quando o padrão foi demolido. Póde ser que elle esteja formando parte d'alguma parede das casas vizinhas. Pois, se viesse a ser descoberto o padrão d'Antonio Homem, não sei que reliquia phenicia ou romana lhe ganhasse em quilate archeologico.

O doutor infeliz foi canonizado entre os seus correligionarios. Os hebreus de Lisboa intentaram crear alli uma irmandade de Santo Antonio com o velhacaz proposito de adorarem clandestinamente o seu santo, zombando assim do outro homonymo do calendario catholico. Descobriu-se-lhes a tempo a malicia, e não vingaram a manhosa devoção. Foi bom! Forte escandalo!

Eram muito uzuacs estas canonizações entre a gente hebraica. Já Antonio Homem na sentença é accusado de ter em sua casa um retrato do capucho portuguez fr. Diogo da Assumpção, que tinha sido queimado tambem judaisante em 1603. O retabulo descobria-se e era incensado nas ceremonias dos jejuns judaicos.

D'este fr. Diogo darei breve noticia no numero seguinte.

C. CASTELLO-BRANCO.

EXPEDIENTE.

Temos designado publicar este periodico nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez. No proximo fevereiro, o n.º 4 sahirá no ultimo dia. Força-nos a estes prazos menos convenientes e ajustados ao costume, a difficuldade que encontramos em fazer transportar nos caminhos de ferro francezes os figurinos, visto que lá os não aceitaram. Esta é pois a razão que impediu a sahida do figurino n'este numero. Publicar-se-ha com o 2.º

Assigna-se a *Gazeta Litteraria* no Porto, no escriptorio da administração, rua do Almada n.º 171 — em Lisboa, na livraria do sr. Campos Junior, rua Augusta n.º 77 a 81; em Braga na do sr. Germano Joaquim Barreto, em Coimbra na do sr. J. Augusto Orcei; em Lamego na do sr. Francisco Marquês da Rocha e em Aveiro em casa do sr. José Maria da Costa Azevedo.

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA:

PARA O PORTO, semestre	1\$400 — por anno	2\$600
PARA AS PROVINCIAS (franco de porte) semestre.	1\$520 — por anno	2\$840
BRASIL	1\$900 — por anno	3\$600

